

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

A CONTRIBUIÇÃO DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL NA INDEXAÇÃO DE IMAGENS

CONTRIBUTION OF VISUAL DESIGN GRAMMAR TO IMAGE INDEXING

Alexandre José Barbosa da Câmara – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: a indexação é um processo complexo e fundamental na mediação entre usuários e documentos. Documentos iconográficos, assim como os textuais, apresentam elementos visuais que atuam como pistas para sua leitura e interpretação. Este estudo, de caráter exploratório, investiga a Gramática do Design Visual (GDV), proposta por Gunther Kress e Theo van Leeuwen, fundamentada na Gramática Sistemico-Funcional de Michael Halliday, como ferramenta analítica para a indexação imagética. A metodologia compreendeu uma pesquisa bibliográfica para embasamento teórico seguida de uma análise imagética para testar a aplicabilidade das metafunções da GDV. A imagem proposta é uma xilogravura constante na capa do folheto “Tragédia do batelão, na Lagoa Solon de Lucena”, na Paraíba, que narra o naufrágio da embarcação em 25 de agosto de 1975, durante a comemoração do Dia do Soldado, ocasionando a morte de 35 pessoas, em sua maioria crianças. Os resultados evidenciam que, por meio das metafunções da GDV, é possível identificar, nas pistas visuais, a dimensão informacional e jornalística da literatura de cordel evidenciada pela xilogravura.

Palavras-chave: representação da informação; indexação; documento iconográfico; gramática do design visual; Gunther Kress e Theo van Leeuwen.

Abstract: indexing is a complex and fundamental process in the mediation between users and documents. Iconographic documents, like textual ones, have visual elements that act as clues for their reading and interpretation. This exploratory study investigates the Grammar of Visual Design (GDV) proposed by Gunther Kress and Theo van Leeuwen, based on Michael Halliday's Systemic-Functional Grammar, as an analytical tool for image indexing. The methodology comprised bibliographical research for theoretical background followed by an image analysis to test the applicability of the GDV metafunctions. The proposed image is a woodcut on the cover of the brochure ‘Tragédia do batelão, in Lagoa Solon de Lucena, in Paraíba’, which recounts the sinking of this boat on August 25, 1975, during the commemoration of Soldier's Day, resulting in the death of 35 people, most of them children. The results show that, through the metafunctions of GDV, it is possible to identify, in the visual clues, the informational and journalistic dimension of cordel literature evidenced by the woodcut.

Keywords: information representation; indexing; iconographic document; visual design grammar; Gunther Kress and Theo van Leewen.

1 INTRODUÇÃO

A indexação de documentos iconográficos é um processo complexo que exige a análise detalhada das imagens, considerando seus elementos, contexto e significado simbólico. Após essa análise, são atribuídos conceitos e termos que representem seu conteúdo e significado, facilitando sua compreensão e recuperação. Esses conceitos devem ser organizados mediante o uso de um vocabulário controlado para evitar repetições por sinonímia

Porém, a subjetividade e a polissemia das imagens dificultam o processo e a literatura da área da representação aponta algumas metodologias que visam evitar esses efeitos. Entretanto, abordagens generalistas podem gerar imprecisões, baixa especificidade, alta revocação e insatisfação do usuário na recuperação da informação. Portanto, para superar esses desafios é necessário adotar metodologias que considerem o aspecto, contexto e simbolismo das imagens.

Torres (2019) apresenta as categorias de Panofsky (1979) e seus três níveis de análise: pré-iconográfico, iconográfico e iconológico. Aborda também o método de Bléry (1981 *apud* Torres, 2019), que foca na técnica, contexto espaço-temporal, e nas ações dos seres vivos nas imagens. A seguir, destaca Shatford-Layne (1986 *apud* Torres, 2019), e sua análise da imagem em dois níveis: “DE” (*genérico e específico*) e “SOBRE”, correlacionando as categorias “*Quem, O que, Onde, Quando e Como*” aos níveis de Panofsky. Explica o método de Smit (1996 *apud* Torres, 2019), que divide a representação imagética em aspectos concretos (DE), aspectos abstratos (SOBRE) e expressão fotográfica. Conclui com a metodologia de Alves e Valério (1998 *apud* Torres, 2019), a qual se baseia no aspecto histórico da imagem, e finaliza com Manini (2002 *apud* Torres, 2019), que combina os conceitos de Shatford-Layne e Smit, propondo uma *representação imagética através de aspectos concretos, abstratos e expressivos*.

Para Almeida (2008, p. 9), a mudança de paradigma catalisada pela profusão de imagens que invadem o cotidiano presume a utilização de novas abordagens na análise de “modos semióticos não verbais, como imagens, expressões, gestos e música, [fornecendo] subsídios para uma análise linguística mais completa sobre os aspectos multimodais da linguagem”. Seguindo esse raciocínio, a autora propõe a Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2000) na análise de estruturas visuais.

Porém, em que medida a transposição dos conceitos da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) para a análise visual, conforme proposta pela Gramática do Design Visual

(GDV) de Kress e van Leeuwen (2000), mantém a coerência teórica e quais são os desafios associados a essa transição da linguagem verbal para a não-verbal?

Assim, este breve estudo de natureza exploratória visa investigar os fundamentos da Gramática do Design Visual (GDV), proposta por Gunther Kress e Theo van Leeuwen (2000), baseados por sua vez na Gramática Sistêmico Funcional de Halliday. Serão feitas uma pesquisa bibliográfica e uma análise no sentido de verificar sua aplicabilidade na análise da informação imagética em uma capa de folheto de cordel.

2 HALLIDAY E A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF)¹: POR UMA ABORDAGEM SOCIAL DA LINGUAGEM

Novellino (2012), apoiada em Halliday e Hasan (1985) e Kress e van Leeuwen (2000), explica a cultura como um grande conjunto de vários sistemas simbólicos que a integram, sendo a língua um desses sistemas. Nesse sentido, quaisquer signos criados dentro desse sistema/contexto possuem significados específicos e são mediados por um modo semiótico (como a imagem ou o texto verbal).

Para Michael Halliday, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) aborda a linguagem como um grande sistema de significados. A LSF busca então compreender o processo de codificação e decodificação da linguagem em diferentes contextos sociais, focando na sua funcionalidade. É sugerida a existência de uma estrutura gramatical relacionada a cada significado comunicado socialmente, já que

A LSF é uma teoria comprometida com o significado realizado na sociedade, adotando a sociossemiótica como perspectiva de linguagem. Nessa visão, os signos são tidos como construções sociais elaboradas nos contextos sociais de situação e de cultura em que são produzidos (Novellino, 2012, p. 48).

Leffa (2022) explica que a LSF proposta por Halliday questiona os posicionamentos de Saussure, cuja proposta é a de que a linguagem é composta por *língua* e *fala*, estendendo também sua crítica às ideias de Chomsky que afirma que a linguagem é formada pela díade *competência* e *desempenho*. Para ambos, a língua possuía uma estrutura hermética da qual depreendiam *a sua finalidade de uso, o papel do contexto como fator determinante para o*

¹ A LSF, linguística sistêmico-funcional também é chamada de GSF, gramática sistêmico-funcional. Neste trabalho adotaremos como padrão a primeira nomenclatura.

sentido e o usuário real da língua (tido apenas como “falante ideal”, de acordo com Chomsky, 1995).

Em seguida, elucida que Halliday foi conduzido pelo paradigma funcionalista de Malinowsky, ao propor uma ruptura com o domínio da estrutura linguística ou sistema. Para tanto, construiu a *Linguística Sistêmico Funcional (LSF)* a partir do estudo da linguagem sob uma perspectiva social, considerando a língua em si, os falantes e as funções dessa linguagem.

É importante salientar, a partir das considerações de Santos (2014), que, para Halliday, a gramática funciona como o núcleo da linguagem, no qual os significados são construídos. Além disso, ela expressa as necessidades da sociedade, desenvolvendo-se a partir dos contextos sociais e das interações linguísticas.

Portanto, na LSF a relevância da língua é deslocada para a linguagem. Desse modo, a composição saussureana da linguagem (língua e fala) dá lugar à abrangência da linguagem como prática social de produção de sentido (significação). Leffa (2022) elucida que “compreender um sentido é encontrar o objetivo do enunciado” e é a partir dessa premissa que Halliday propõe como caminho as *metafunções da linguagem*.

Nas bases da teoria funcionalista de Halliday, a língua é concebida como um sistema semiótico em que as escolhas são condicionadas por três fatores: a relação do sujeito com o mundo, a relação do sujeito com o outro e a relação do sujeito com a língua, ou seja, com as estruturas linguísticas. Esta última relação condicionada pelas pressões provenientes das outras duas relações, ou seja, da situação comunicativa. Estas três relações definem, dentro da sistêmico-funcional, três tipos de significados, que formam a base dos estudos hallidayanos. Estes três significados têm raízes funcionais e são chamados de significado experiencial, significado interpessoal e significado textual e se interinfluenciam (Souza, 2015, p. 2).

A autora assevera ainda que, cada um dos significados: experiencial (sujeito-mundo), interpessoal (sujeito-outro) e textual (sujeito-língua) possui uma metafunção correspondente, conforme o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Correspondência entre Significados e Metafunções na LSF

Significados	Metafunções
Experiencial (sujeito-mundo)	Metafunção ideacional
Interpessoal (sujeito-outro)	Metafunção interpessoal
Textual (sujeito-língua)	Metafunção textual

Fonte: adaptado de Souza (2015)

A partir das considerações de Leffa (2022) temos de forma resumida, que:

⑩ A *metafunção ideacional* é utilizada para representar por palavras a imagem mental do mundo que nos cerca (real) ou do mundo idealizado (imaginário). A *metafunção ideacional* envolve: 1) *Participantes*: atores (praticam a ação) ou participantes meta (são afetados por um processo/ação); 2) *Processos*: de natureza material ou física (tocar, pular, correr, apontar) ou de natureza mental ou do mundo interior (pensar, amar, sentir, refletir). Está relacionada ao *contexto cultural*, segundo Cardoso (2008).

⑩ A *metafunção interpessoal* é marcada pela relação dialógica com o “outro” em um dado processo interativo. Essa metafunção apresenta três consequências relevantes que são: texto caracteristicamente dialógico; presença de um interlocutor (real ou imaginário, prolixo ou silencioso, assunção de um papel ou personagem definido); definição da língua como instrumento de ação (e das escolhas feitas pelo interlocutor para obtenção de um sentido/emoção/reação). Está relacionada ao *contexto situacional*, segundo Cardoso (2008).

⑩ A *metafunção textual* é caracterizada pela organização e estrutura de um texto para obter a maior coesão/coerência possível no processo de conexão com o outro. Dois conceitos entram em jogo: *o dado* (conhecimento previsível, comum e compartilhado entre os interlocutores) e *o novo* (conhecimento imprevisível e que apenas um dos interlocutores possui). O processo de significação consiste em compartilhar *o novo* utilizando *o dado* para facilitar seu entendimento. Está relacionada ao *contexto verbal*, segundo Cardoso (2008).

3 GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Silva e Almeida (2018) corroboram com Souza (2015) ao assinalarem que as metafunções surgem a partir da percepção de Halliday das diferentes funções que a linguagem utiliza no exercício da comunicação. Assim, a funcionalidade da linguagem, apontam as autoras, depende de aspectos semânticos e sintáticos, relacionados à organização/classificação e combinação das palavras em seu processo de significação.

Nesse sentido, Santos (2014) aponta dois conceitos fundamentais para a compreensão da linguagem na LSF e propostos por Halliday e Mathiessen (2004): o *eixo sintagmático* (nível de estrutura) e o *eixo paradigmático* (nível das escolhas). O eixo sintagmático envolve o modo pelo qual os signos são ordenados de forma lógica. O eixo paradigmático “captura as relações de oposição ou escolha entre os signos nos sistemas da língua” (Santos, 2014, p. 167).

Segundo Santos (2014), é justamente no eixo paradigmático que se fundamenta a análise linguística da LSF, com o propósito de compreender as escolhas em um processo de significação contextual. Com isso, busca-se uma abordagem social e abrangente da linguagem.

Assim, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) serviu de base teórica para a elaboração da Gramática do Design Visual, proposta por Gunther Kress e Theo van Leeuwen (2000). Estes, buscaram na LSF correspondências que lhes permitissem identificar regularidades e padrões estruturais nas mensagens visuais. Embora utilizem as metafunções da LSF como fundamento, reconhecem que texto e imagem são sistemas semióticos distintos, com particularidades estruturais. Além disso, consideram que a relação entre esses dois modos está em constante transformação e que a imagem deixou de exercer apenas a função de apoio ao texto.

Seguindo essa trilha, Fernandes e Almeida (2008) apresentam a correspondência entre as metafunções propostas pela Linguística Sistêmico-funcional de Halliday (1978) e a Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2000), apresentados no **Quadro 2**:

Quadro 2 – Correspondência entre as Metafunções na LSF e na GDV

Halliday (LSF) Código semiótico da linguagem	Kress e van Leeuwen (GDV) Código semiótico da imagem	SÍNTESE
IDEACIONAL	REPRESENTACIONAL	Responsável pelas estruturas que constroem visualmente a natureza dos eventos, objetos e participantes envolvidos, e as circunstâncias em que ocorrem. Indica, em outras palavras, o que está sendo mostrado, o que se supõe esteja “ali”, o que está acontecendo, ou quais relações estão sendo construídas entre os elementos apresentados.
INTERPESSOAL	INTERATIVA	Responsável pela relação entre os participantes, é analisada dentro da função denominada de função interativa (Kress; van Leeuwen, 2000)
TEXTUAL	COMPOSICIONAL	Responsável pela estrutura e formato do texto, é realizado na função composicional na proposição para análise de imagens de Kress e van Leeuwen, e se refere aos significados obtidos através da “distribuição do valor da informação na ênfase relativa entre os elementos da imagem”

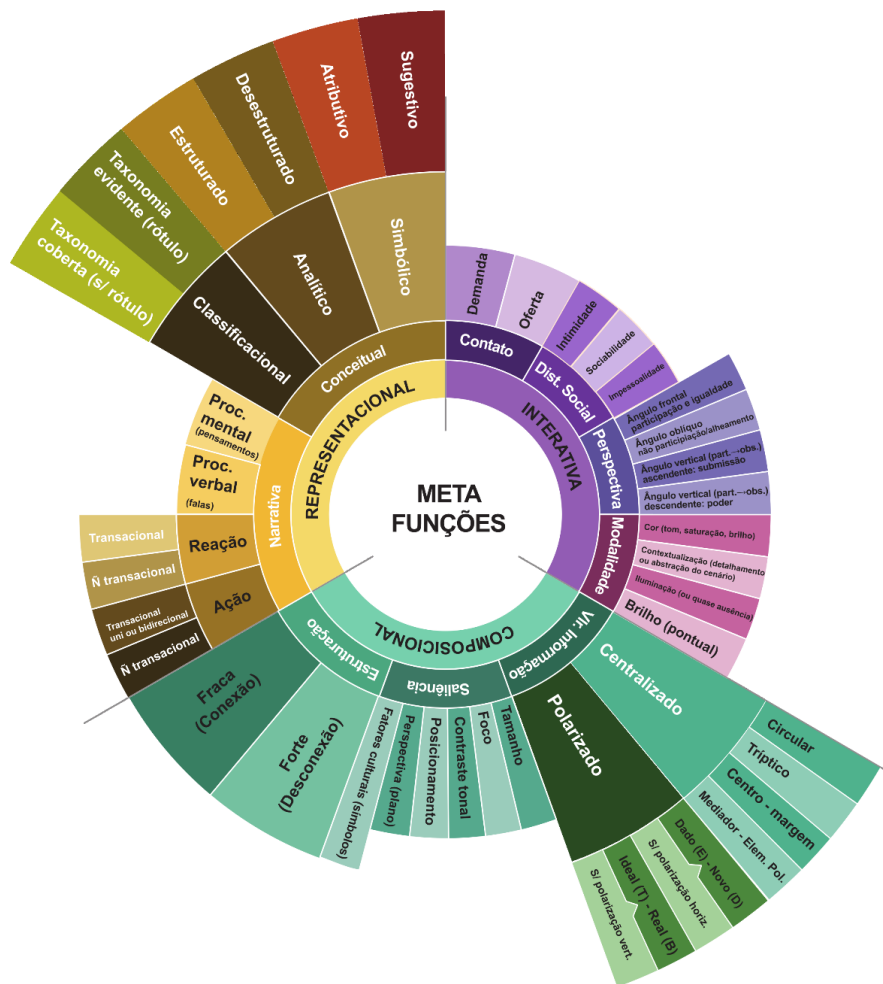
Fonte: Fernandes e Almeida (2008)

A GDV ao procurar esta correspondência com a LSF, também apresenta subdivisões para cada uma das três metafunções no intuito de especificar suas particularidades, facilitando o processo de análise da informação imagética. A seguir, apresentaremos uma representação gráfica pormenorizada e a descrição de cada uma das três metafunções e seus desdobramentos.

3.1 As metafunções na gramática do design visual de Kress e Van Leeuwen

Para facilitar o entendimento da tríade formada pelos significados visuais *representacionais*, *interativos* e *composicionais* apresentaremos na sequência o Gráfico 1: Metafunções e significados visuais na Gramática do Design Visual. Nele, admitimos as subdivisões a partir de três setores principais (as metafunções) e seus desdobramentos. As definições foram baseadas em Kress e van Leeuwen (2000) e dos estudos de Fernandes e Almeida (2008), Cardoso (2008), Silva e Almeida (2018), baseados nas ideias dos dois autores.

Gráfico 1 – Metafunções e significados visuais na Gramática do Design Visual



Fonte: baseado em Kress e van Leeuwen (2006), Fernandes e Almeida (2008), Cardoso (2008) e Silva e Almeida (2018).

3.1.1 Metafunção representacional

Uma estrutura visual representa em seu conteúdo imagens mentais de um mundo (real ou imaginário, como vimos). Essa estrutura envolve no mínimo um participante *ator*

(praticam uma *ação* ou *processo*) e um participante *meta* (afetados pela ação ou processo). Esses processos podem ser físicos ou mentais e relacionados ao contexto cultural. Podem ser representados graficamente na análise por caixas (participantes) e setas (vetores da ação). As representações são divididas em: *Representações Narrativas* ou *Representações Conceituais*.

3.1.1.1 Representações Narrativas

Nesse tipo de representação um participante ativo (*ator*), atua através de um processo direcionado a um participante passivo (*meta*). Esse processo pode ser demonstrado por um *vetor* (linha com um terminal em seta) que conecta ator → meta.

Processo narrativo de ação

Quando um *ator* nitidamente evidente desempenha uma determinada *ação* direcionada a um participante ou a algo denominado *meta*. Se esta ação é claramente direcionada a meta temos uma *estrutura transacional unidirecional* ou *bidirecional*. Neste segundo caso temos os *interatores*, pois ambos atuam simultaneamente como atores e meta, já que performam uma ação e são afetados pela ação do outro. Sempre que no campo visual houver apenas um participante ator e este não desenvolve uma ação clara destinada a algo ou a alguém, caracteriza-se então um processo *não transacional*.

Processo narrativo de reação ou relacional

Neste processo, a *reação* tem no olhar dos participantes *reatores* o seu princípio. Quando o olhar é direcionado a alguém ou a algo estes alvos se tornam *fenômenos* no *processo narrativo de reação transacional*. Quando há impossibilidade de determinar esse fenômeno e o vetor aponta para fora da composição temos então um *processo narrativo de reação não-transacional*. Krees e van Leeuwen (2000) lembram que o reator deve ser humano ou ter características humanas: olhos, pupilas distinguíveis e performarem expressões faciais.

Processo narrativo verbal ou textual e Processo narrativo mental

Ambos são representados pela fala do participante expressa visualmente através de balões. Os participantes de um *Processo narrativo verbal* são descritos como *dizente* (ator) e *enunciado* (processo/fala). Já no *Processo narrativo mental* os participantes são classificados como *experienciador* (ator) e *sensor ou fenômeno* (processo/pensamento). Kress e van Leeuwen (2000) apontam os balões de diálogo como vetores que conectam os

falantes/pensadores aos seus discursos/pensamentos. Explica ainda que estes elementos de comunicação são provenientes das fitas utilizadas nas artes da Idade Média partindo da boca dos falantes para representar as suas falas e não estão mais restritas às histórias em quadrinhos. Atualmente, estes surgem nos livros didáticos, aplicativos de autoatendimento e, acrescentamos, nas mídias sociais.

Nesse processo, uma reação transacional conecta um ser humano (ou ser animado) a um determinado conteúdo ou percepção. O conteúdo, *no caso dos balões de pensamento*, corresponde a um vetor que aponta para um processo interno ou mental. *No caso do balão de fala*, o vetor aponta para o processo narrativo verbal ou textual, representado no discurso.

Lembramos que na linguagem dos quadrinhos, a balonagem² utiliza recursos gráficos como contorno, tipografia, símbolos e desenhos para modular o que o balão expressa. Assim, falas de alienígenas e deuses, palavrões, falas cantaroladas e sussurros, etc. assumem tratamento gráfico diferenciado das outras falas do contexto.

3.1.1.2 Representações conceituais

Nelas, inexitem processos (ou ações), ou ainda vetores. Os participantes são apresentados de forma estática e estruturada, sob três representações conceituais: *classificacional*, *analítica* e *simbólica*. Podem coexistir dois ou mais processos envolvidos em imagens complexas.

Processo conceitual classificacional

Os participantes são classificados taxonomicamente segundo uma *categoria geral*. A distribuição uniforme de vários participantes seguindo uma mesma ordem ou importância no campo visual determina uma *taxonomia coberta*. Na presença de uma *taxonomia evidente* há a presença de um participante superordenado conectado ou não a participantes subordinados, podendo haver inclusive a presença de *participantes interordenados* entre estes. A ordenação poderá ser evidenciada pela importância, tamanho, posição, cor, etc.

Processo conceitual analítico

² Uso de um balão gráfico em quadrinhos para conter diálogos, pensamentos, etc.

No processo conceitual analítico há uma relação parte-todo, no qual é evidenciada nos participantes a existência de um *portador* (o todo) e os seus *atributos possessivos* (as partes que o constituem). Quando ocorrem descrições ou rótulos das partes, evidencia-se uma *relação conceitual analítica estruturada*. Do contrário, sem a especificação das partes, configura-se uma *relação conceitual analítica desestruturada*.

Processo conceitual simbólico

Os participantes, denominados portadores, são representados através da importância ou significado da *sua identidade* (para o contexto) e esta é evidenciada mediante elementos que o caracterizam. Esses elementos são denominados atributos possessivos e podem ser classificados em *atributivos* e *sugestivos*. Os *atributos possessivos atributivos* são concedidos ao portador através de ênfase no seu tamanho, posição, cor, etc. Nos *atributos possessivos sugestivos* os gestos característicos da sua identidade como adereços, performance e aparente desconexão com o contexto visual, além do seu simbolismo, o evidenciam.

3.1.2 Metafunção interativa

Expressam graus de proximidade entre o *produtor* e o *leitor do texto visual* (considerado como participante exterior ao texto). São utilizados quatro recursos no processo: *contato*, *distância social*, *perspectiva* e *modalidade*. A depender do tipo da imagem, é possível conectar a GDV a outras ferramentas para aumentar a precisão da análise.

3.1.2.1 Contato

O *participante* (do texto visual) e o *leitor* (considerado um participante externo), estabelecem uma relação imaginária de interação tendo o olhar como *vetor*. Esse contato visual direto é denominado *demand*. Quando o *participante* não olha para o leitor este se oferece à contemplação através da *oferta*.

3.1.2.2 Distância social

Baseado nos planos de enquadramento fotográfico, este recurso mostra através de planos mais fechados ou abertos, uma maior ou menor aproximação com o leitor, sugerindo assim graus variáveis de *intimidade* (plano *close-up*, primeiro plano), *sociabilidade* (plano médio, plano americano) ou *impessoalidade* (plano geral).

3.1.2.3 *Perspectiva*

É considerado pelos autores como o ângulo no qual a linha do olhar do participante é representada no campo visual: *ângulo frontal*, *oblíquo* e *vertical*. No *ângulo frontal* o olhar do participante está no mesmo nível do leitor, sugerindo uma relação de interação participativa e igualitária. No *ângulo oblíquo*, o olhar do participante está direcionado para outro ponto que não é o olhar do leitor (para fora do campo visual). Isto sugere uma relação de alheamento e falta de envolvimento do participante com o leitor. No *ângulo vertical*, quando a linha do olhar do participante está *acima da linha do olhar do leitor*, é expressa uma relação de poder do participante sobre o leitor. Do contrário, quando a linha do olhar do participante está *abaixo da linha do olhar do leitor*, sugere-se uma relação de submissão do participante com o leitor.

3.1.2.4 *Modalidade*

Recursos ou mecanismos visuais denominados *modalizadores* são utilizados para conferir ao texto visual graus de realismo e verdade. Esses recursos criam simulacros mais ou menos precisos ao “representar pessoas, lugares e coisas como se elas fossem reais ou fantásticas, caricaturas ou cópias perfeitas do ‘real’” (Fernandes e Almeida, 2008).

3.1.3 *Metafunção composicional*

Para ser compreendida pelo espectador em sua totalidade significativa os *elementos representacionais* e *interativos* precisam ser integrados em uma composição que permita o seu inter-relacionamento. A composição, então, relaciona estes elementos entre si por meio de três sistemas interligados: *valor de informação*, *saliência* e *estruturação*.

3.1.3.1 *Valor de informação*

Dentro de um campo visual a posição ocupada por cada um dos seus elementos internos (participantes ou sintagmas a ele ou ao observador relacionados) concede valores informativos específicos. Na GDV, elementos posicionados na direção horizontal e posicionados à esquerda recebem a denominação de *dado* (conceitualmente o que é familiar,

consensual ou reconhecido). Na mesma direção e lado direito recebem o nome de *novo* (associado ao que ainda é inexplorado, inusitado, desconhecido e complementar ao *dado*).³

Na direção vertical, Kress e van Leeuwen (2000, p. 193) explicam que a conexão e o movimento entre as duas partes da composição ocorrem de forma mais lenta e são marcados mais pelo *contraste* e *oposição* do que pela familiaridade ou desconhecimento. Assim, no topo da composição os elementos são denominados como *ideal* e possuem apelo emocional quanto aquilo *que poderia ser* (campo das ideias e possibilidades). Na base os elementos são denominados como *real*, ligados ao *concreto* (informações práticas e objetividade).

Embora preferencialmente utilizada na Ásia, a composição baseada em centro-margem prevê um *elemento central* ou núcleo da informação ao qual os *elementos marginais* estão subordinados. A combinação *dado-novo* e *centro-margem* ou *ideal-real* é possível, através da qual são obtidos os trípticos. Nesse tipo de composição o elemento central (superordenado) é o mediador entre os demais (subordinados).

3.1.3.2 Saliência

Dentre os vários códigos de integração utilizados para organizar elementos segundo alguma coerência e ordenamento, a saliência ajuda a composição na composição ao estabelecer hierarquia e coerência. A saliência modula a relevância dos elementos, tornando-os mais ou menos perceptíveis. Em uma composição, a saliência se manifesta através de pistas visuais como *tamanho*, *foco*, *contraste tonal*, *posicionamento*, *perspectiva* e *fatores culturais*.

Elementos maiores, com maior contraste ou em primeiro plano possuem maior saliência. No campo visual, elementos tornam-se visualmente mais *pesados* à medida em que são movidos para o topo ou para a esquerda e mais *leves* se colocados na base ou à direita. A saliência é subjetiva, resultando de uma interação entre esses fatores. Símbolos culturais são importantes fatores e influenciam na saliência em uma composição em dado contexto.

3.1.3.3 Estruturação

A estruturação diz respeito à organização, composição e conexão de elementos em um campo visual. Isto impacta diretamente na forma como estes elementos são percebidos por meio da definição de hierarquias de importância. Assim, os elementos não são dispostos

³ Para Kress e van Leeuwen (2000, p. 192) essa relação nas publicações impressas pode ser extrapolada: uma revista pode apresentar um anúncio na página da esquerda e uma matéria relacionada na pág. direita adjacente.

aleatoriamente; aqueles mais relevantes são estrategicamente posicionados para captar a atenção do leitor/espectador e guiar sua leitura. *Composições lineares* tendem a impor uma sequência clara, já *composições não lineares* permitem múltiplas interpretações, inclusive, permitem ao leitor o estabelecimento de uma lógica própria de conexões. Ambos os modos de composição interferem no processo de percepção e na construção de significação.

4 ANÁLISE

Albuquerque (2013) explica a natureza multimodal do texto popular e sua capacidade de perpassar oralidade, escrita e performance. Para a autora, a literatura de cordel é a materialização da oralidade da poesia popular nordestina, cuja origem é imprecisa, porém, influenciada por várias outras formas de literatura popular oriundas da Europa medieval. A literatura de cordel atuou por muitos anos como veículo de informação no sertão nordestino.

A introdução da xilogravura nas capas de cordel se deu algum tempo após a sua incursão no jornal *O Mossoroense*, através de seu diretor e proprietário João de Escóssia, também responsável pelo entalhe das matrizes, segundo Queiroz (1982). O primeiro cordel com capa em xilogravura data de 1907: *A vida de Antônio Silvino*, de autoria do poeta Francisco das Chagas Batista, de acordo com Paiva (2021, p. 97).

A imagem escolhida para análise foi a capa do folheto de cordel *Tragédia do batelão, na Lagoa Solon de Lucena, na Paraíba*, de José Soares (poeta repórter), cuja imagem foi criada pelo seu filho, Jerônimo Soares⁴. O cordel versa sobre o naufrágio de uma pequena embarcação ocorrido em 25 de agosto de 1975, em plena comemoração do Dia do Soldado em João Pessoa - PB. Isso ocasionou a morte de 35 pessoas, sendo 29 crianças de 3 a 12 anos.

Quadro 3 – Análise da capa do folheto *Tragédia do batelão, na Lagoa Solon de Lucena, na Paraíba*, segundo as Metafunções da GDV

	Metafunção Representacional (eventos, objetos, participantes e relações entre os envolvidos)
--	--

⁴ Disponível em: <https://www.ablc.com.br/gravuras/> Acesso em: 12 abr. 2025.

		<p>Processo narrativo de ação e de reação entre os <i>participantes</i>, três homens embarcados apenas um é o <i>ator</i> que resgata um homem (ou um garoto) afogado (<i>meta</i>) executando assim uma <i>estrutura transacional</i>. Os dois outros são <i>reatores</i> em uma estrutura também <i>transacional</i> (apenas olham para o corpo, o <i>fenômeno</i>).</p> <p>Não se pode afirmar com certeza a presença de uma estrutura <i>não transacional</i> performada pelo afogado, pois não há a certeza de que ele esteja desacordado ou morto.</p>
		<p>Metafunção Interativa (interações entre os participantes e entre estes e o observador)</p> <p>Não há <i>interação</i> claramente estabelecida com o leitor (<i>contato</i>), assim, os participantes se dão à contemplação por oferta. <i>Distância social</i> sugere sociabilidade (plano médio mostra o predomínio dos participantes sobre o cenário)⁵ e participação do leitor (ângulo frontal da imagem), porém, há o <i>alheamento ou não envolvimento</i> dos participantes com o leitor (perfil ou meio perfil dos participantes). Na <i>modalidade</i>, o predomínio da cor preta nas roupas, no barco e na água sugerem morte⁶ e a contextualização é sugerida pelo cenário (lagoa sugerida pela água e barco).</p>
	<p>Ideal/topo "possibilidade"</p> <p>Real/base "confirmação"</p>	<p>Metafunção Composicional (significados construídos pela imagem na disposição e hierarquização dos elementos)</p> <p>A verticalização na leitura da capa já denota uma polarização topo/base no <i>valor de informação</i> tendo como elemento <i>ideal/topo</i> (portanto idealizado, com apelo emocional) o título do folheto de cordel e como elemento <i>real/base</i> o desfecho ou conclusão (imagem). A <i>saliência</i> projeta o corpo em um plano à frente dos demais participantes e do barco. Quanto à estruturação é criada uma conexão máxima entre os elementos. A vela conecta o título ao centro do triângulo formado pelos três barqueiros. O braço do terceiro barqueiro conecta todos os elementos (título, barco e participantes) ao corpo.</p>

Fonte: Disponível em: <https://app.docvirt.com/cordelfcrb/pageid/26470> Acesso em: 12 abr. 202

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁵ Disponível em: <https://www.qu4rtostudio.com.br/post/planos-de-camera-no-cinema> Acesso em: 12 abr. 2025

⁶ Disponível em: <https://iddesigner.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/03/teoria-cores.pdf>

Acesso em: 12 abr. 2025

A Gramática do Design Visual (GDV), de Kress e van Leeuwen, fundamentada na gramática sistêmico-funcional de Halliday, propõe uma abordagem estruturada para análise de imagens, composta por três metafunções que investigam ações, participantes, interação com o observador e os significados implícitos e explícitos evidenciados pela hierarquização dos elementos visuais. Contudo, imagens como xilogravuras populares apresentam desafios, como o grau de iconicidade variável, uso de atributos altamente contextuais e imprecisão de mecanismos modalizadores, exigindo estudos mais aprofundados. Ainda assim, é possível identificar na xilogravura a lógica narrativa: o resgate de um homem ou garoto afogado, a centralidade do ator principal e a ausência de identidade individualizada dos participantes, que se apresentam à contemplação sem o contato direto com o observador, mas com indícios de sociabilidade pela distância e ângulo da imagem. A composição é linear e divide a informação entre o ideal (título) e o real (imagem), sem saliência entre participantes, guiando o olhar do título ao barco, aos participantes e, em seguida, ao resgate.

Nesse percurso, reafirma-se o desafio que motivou essa pesquisa: compreender em que medida a transposição dos conceitos da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) para a linguagem visual, conforme proposto pela GDV, mantém a coerência teórica e quais tensões emergem na passagem do verbal para o não-verbal. Apesar de compartilhar pontos em comum com outras metodologias de análise, a GDV oferece, em suas metafunções, instrumentos valiosos para a indexação, possibilitando inclusive interrelações com outras teorias específicas. Assim, sugere-se que novas pesquisas promovam o diálogo entre a GDV e outras teorias relacionadas ao estudo das imagens no sentido de enriquecer as análises visuais com aspectos ainda não contemplados pela teoria.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Representação temática da informação na literatura de cordel**. Curitiba: Appris, 2013.

CARDOSO, Jacilene Rodrigues. A imagem como recurso persuasivo da propaganda. *In*: ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de (org.). **Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008. p. 63-72.

CHOMSKY, Nohan. **O programa minimalista**. Lisboa: Caminho, 1995

FERNANDES, José David Campos; ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Revisitando a gramática visual nos cartazes de guerra. *In*: ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de (org.).

Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008. p. 11-31.

HALLIDAY, Michael A.K.; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text:** aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1985.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATHIESSEN, Chrstian. **An introduction to functional grammar.** 3rd. ed. London/New York: Arnold, 2004.

KRESS, Gunther; van LEEUWEN, Theo. **Reading images:** the grammar of visual design. 2. ed. London: Routledge, 2000.

LEFFA, Vilson J. **Linguística Sistêmico-Funcional:** visão social da língua. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Ela: epifanias em linguística aplicada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y9vVwtSQfIU>. Acesso em: 04 abr. 2025.

NOVELLINO, Marcia Olivé. **Imagens em movimento:** a multimodalidade no material para o ensino de inglês como língua estrangeira. Orientadora: Barbara Jane Wilcox Hemais. 2012. 243 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica - Rio, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=20588&idi=1>. Acesso: 04 abr. 2025.

PAIVA, Paulo Jeyson Barros. Memória Gráfica: os folhetos de Cordel no Brasil. **Revista Transverso:** Diálogos entre Design, Cultura e Sociedade, [s. l.], n. 3, p. 89–101, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/transverso/article/view/5413>. Acesso em: 14 abr. 2025.

SANTOS, Zaira Bomfante dos. A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações. **Soletras:** Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ, n. 28, p. 164-181, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/12994/12487>. Acesso em: 05 abr. 2025.

SILVA, Monica Maria Pereira da; ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Linguagem Verbal, Linguagem Visual: reflexões teóricas sobre a perspectiva Sócio-Semiótica da Linguística Sistêmico-Funcional. **Odisseia**, Natal, RN, v. 3, n. 1, p. 36-56, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/download/12686/9161/0>. Acesso em: 04 abr. 2025.

SOUZA, Rosângela do Socorro Nogueira de. A teoria sistêmico funcional: uma contribuição para trabalhar como texto. **Margens:** Revista Interdisciplinar Dossiê: Literatura e Resistência, v. 9, n. 13, p. 208-219, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2695/0> Acesso em: 04 abr. 2025.

TORRES, A. A. L. **Metodologia para a representação de registro fotográfico de esculturas de arte sacra.** 2019. 206 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Organização do Conhecimento) -

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte,
2019.